

O SANTO DOS MIGRANTES



Graziano Battistella (org.)
Instituto Histórico Scalabriniano

O SANTO DOS MIGRANTES

João Batista Scalabrini

Tradução:
Alfredo José Gonçalves
Mario Zambiasi



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

O santo dos migrantes: João Batista Scalabrini / organização de Graziano Battistella, Instituto Histórico Scalabriniano ; tradução de Alfredo José Gonçalves, Mario Zambiasi. - São Paulo : Paulus, 2023.

Il., color. (Coleção Modelos de virtude)

ISBN 978-65-5562-869-2

I. Santos Católicos – Biografia 2. Scalabrini, João Batista, Santo I. Battistella, Graziano II. Instituto Histórico Scalabriniano III. Gonçalves, Alfredo José
IV. Zambiasi, Mario V. Série

23-1768

CDD 922.22

Índice para catálogo sistemático:

1. Santos Católicos - Biografia

Direção editorial:

Frei Darlei Zanon

Coordenação editorial:

Pedro Luiz Amorim Pereira

Gerente de *design*:

Danilo Alves Lima

Coordenação de revisão:

Tiago José Risi Leme

Preparação do original:

Cícera Gabriela Sousa Martins

Projeto gráfico:

Karine Pereira dos Santos

Capa e diagramação:

Gustavo Gomes

Imagens:

Arquivo da Congregação Scalabriniana

Impressão e acabamento:

PAULUS



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre
nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-869-2

APRESENTAÇÃO

Era necessária uma nova biografia de João Batista Scalabrini? Provavelmente não, dado que já existem várias, desde as primeiras que saíram poucos anos após sua morte, a hagiografia de Gregori, até aquela definitiva e monumental de Francesconi. Existiram, depois, várias biografias breves, de caráter divulgador, como aquelas de Saraggi, Guglielmi, Marin, para finalizar com a de Zanini. Diversas dessas biografias foram, inclusive, traduzidas, enquanto existem outras escritas ainda em outras línguas, que não o italiano.

Pensou-se, porém, que, por ocasião do Ano Scalabriniano, organizado para recordar o 25º aniversário da beatificação de Scalabrini, fosse oportuno colocar à disposição um resumo da biografia de Francesconi. De fato, a grandeza daquele texto com mais de mil páginas torna, por demais, remota a possibilidade de vê-lo traduzido e, por outro lado, permanece a referência fundamental para quem queira conhecer o grande bispo de Piacenza e dos migrantes.

Este pequeno volume nasce, portanto, com a intenção de tornar acessível o conteúdo substancial da biografia de Francesconi. Querendo fazer algo rápido, recorreu-se à colaboração de outras pessoas, concedendo breve tempo de execução. Chegou-se a um trabalho que não prima pelo aspecto da homogeneidade, seja pelo espaço diverso dado a cada capítulo,

seja porque nem sempre quem escreveu se limitou a fazer um resumo do texto de Francesconi. Ao contrário, por vezes, forneceu mais informações de quanto esteja contido na biografia, como, por exemplo, o capítulo sobre a reforma dos seminários ou aquele sobre o governo da diocese, que inclui o exame detalhado dos textos sinodais. Originais são, também, os capítulos sobre as controvérsias políticas e religiosas e aquele sobre a fundação dos institutos religiosos, como também o que trata do desenvolvimento dos institutos da Família Scalabriniana.

Colaboram na redação dos vários capítulos Fabio Baggio (com Luis Olivos), Graziano Battistella, Veronica de Sanctis, Stelio Fongaro, Gaetano Parolin, Matteo Sanfilippo e Giovanni Terragni. Graziano Battistella fez o trabalho de releitura, correção, integração e homogeneização, enquanto possível, do texto final. Para facilitar a leitura, foram deixados de lado as referências bibliográficas e o aparato crítico. Em apêndice, porém, reportamos a lista dos escritos de Scalabrini, uma nota sobre as fontes de arquivo e a bibliografia sobre Scalabrini.

O texto não oferece perspectivas particularmente novas. Oferece a possibilidade, para os que não têm acesso ao original de Francesconi, de adquirir um conhecimento suficientemente completo de quem tenha sido J. B. Scalabrini.

OS ANOS DA FORMAÇÃO

No verão de 1839, precisamente em 8 de julho, em Fino Mornasco, na Província de Como, Colomba Trombetta e Luigi Scalabrini deram à luz o seu terceiro filho, João Batista, que, com base nos costumes da época, foi imediatamente batizado na igreja paroquial. Antes de João Batista, tinham nascido Antônio (1834) e José (1836). Alguns anos após o nascimento do terceiro filho, Luigi e Colomba tiveram duas filhas: Maria Madalena (1841), conhecida como Nitta, e Giuseppina (1844), conhecida por Pina, às quais seguiram Pedro (1848), Ângelo (1851) e, por fim, Luísa (1854).

Scalabrini e seus irmãos e irmãs nasceram numa família de fortes valores cristãos. O pai Luigi, proprietário de um modesto negócio de vinhos na praça principal do povoado, era considerado homem honesto e religioso por todos, sempre atento à educação dos próprios filhos. De forma particular, foi a mãe, mulher de grande fé e devoção a Cristo crucificado e a Nossa Senhora, quem formou os próprios filhos nos valores cristãos e no amor pelos pobres. Nem todos, porém, seguiram os ensinamentos paternos e maternos.

Os dois irmãos mais velhos passaram por vários baques financeiros, enquanto os mais jovens, Pedro e Ângelo, desviaram-se da fé e dos ensinamentos maternos. Ângelo, em particular, entrando no seminário em 1851, foi expulso por haver escrito versos de forte

acento patriótico. De qualquer forma, tornou-se, depois, um estimado docente, e renunciou à carreira política para não criar maiores problemas ao irmão sacerdote. João Batista, na relação com os irmãos, portou-se sempre como uma figura paterna, decidido a prestar assistência econômica aos mais velhos e a tentar aproximar da fé e dos ensinamentos maternos os jovens “rebeldes”.

Os anos da infância transcorreram serenamente e Scalabrini era, com frequência, recordado como um clássico exemplo do “candidato ao sacerdócio”. Como ele mesmo recordaria, os “doce anos da nossa infância” foram os anos em que aprendeu com tanto amor, “sobre os joelhos maternos”, a devoção ao crucifixo, à Eucaristia e aos santos, assim como a prática do rosário recitado em família. Frequentou a escola primária do povoado. O amor pelo estudo e a diligência com a qual se aplicava o caracterizaram também durante os anos do ginásio (atual ensino fundamental, do 6º ao 9º ano).

No “Imperiale Regio Ginnasio Liceale Volta”, de Como, que frequentou de 1851 a 1857, teve um bom aproveitamento em todas as matérias, e diversos docentes não fizeram segredo sobre sua excelente capacidade de aprendizagem, sempre acompanhada por um espírito humilde. O seu amor pelo estudo e pelas letras encontra testemunho na poesia *Ritorna fra gli angioli* (*Retorna entre os anjos*), composta, provavelmente, durante os últimos anos do ginásio. Em 1857, ao término dos estudos clássicos, com a idade de dezoito anos, Scalabrini entrou no Seminário de Santo Abôndio, em Como, então seminário menor, dirigido pelo padre Ângelo Bolzani. Ali seguiu os estudos de filosofia até 1859, ano em que passou a frequentar a

Teologia, junto ao seminário maior, cuja direção estava a cargo do padre José Brandi.

A formação de Scalabrini coincide com os anos do “Renascimento”, uma época de fortes transformações políticas e sociais e de grande fermento cultural. As primeiras guerras de independência e o eco patriótico que estas suscitaram em toda a Península não deixaram indiferente parte do clero comasco, que, em 1848, viu diversos sacerdotes participarem dos “Cinque Giornate di Milano” (Cinco Dias de Milão). Ao contrário, a população local não se entusiasmou particularmente, como demonstrado por ocasião da tomada da cidade por parte de Garibaldi, em maio de 1859. Os eventos ligados à criação do novo aparato institucional da Península tiveram repercussões inclusive no interior dos seminários. O ano escolar foi fechado com leve antecipação devido à batalha de São Fermo e, logo após à sucessiva batalha de Solferino e São Martino, os dois seminários e o Colégio Gallio foram requisitados e transformados em hospitais militares. A passagem da Lombardia sob o “Reino da Sardenha”, a insurreição das “Romagne” e das “Marche”, então delegações do Estado Pontifício, e os eventos que se seguiram, contribuíram para aumentar as divisões no seio do clero lombardo, entre aqueles que eram tidos como “intransigentes” e a chamada corrente “liberal”. Inevitavelmente, tal situação refletiu-se, ainda que levemente amortecida, também em Como. Infelizmente, os testemunhos relativos ao período seminarístico de Scalabrini são cheios de lacunas, impossibilitando de afirmar com certeza a posição do clérigo naqueles anos. Todavia, seria difícil negar o impacto que semelhantes

divergências tiveram sobre o jovem João Batista durante o período dos estudos teológicos no seminário maior. Naquele período, Scalabrini, em seguida à nomeação de prefeito de disciplina no Colégio Gallio (1859-1860), teve de conciliar as aulas com o encargo de instruir e vigiar os jovens do colégio, entre os quais Luis Guanella (1842-1915), seu amigo e futuro fundador dos Servos da Caridade e das Filhas de Santa Maria da Divina Providência.

A fama de estudante modelo o seguiu inclusive nos anos da formação teológica, tanto que, com base nos registros escolares conservados no arquivo do Seminário de Como e no arquivo secreto do Vaticano, emerge que Scalabrini foi o único a obter a nota máxima em todas as matérias. Recebeu, em 1º de junho de 1860, a sagrada tonsura no oratório do episcopado de Como, pelo bispo José Marzorati (1818-1865), que lhe conferiu também as primeiras duas ordens menores, em 21 de dezembro daquele ano. No mesmo lugar, recebeu as outras duas ordens menores, em 24 de maio de 1861. Foi ordenado subdiácono em 14 de junho de 1862, por dom Pedro Luis Speranza, bispo de Bérgamo, e diácono, pelo vigário capitular de Milão, dom Carlos Caccia Dominioni (1802-1866), em 12 de setembro de 1862. Dispensado do defeito de idade pela autoridade apostólica, foi ordenado sacerdote em 30 de maio de 1863, junto ao oratório privado da cúria episcopal de Como, com grande probabilidade, por dom Marzorati.

Scalabrini transcorreu os primeiros meses de sacerdócio entre a sua paróquia e algumas suplências em outras. Nesse período, manifestou-se de maneira

ardente o espírito missionário do jovem João Batista que, determinado a realizar seu sonho de partir para as Índias para evangelizar os chamados infiéis, dirigiu-se ao antigo santuário de São Calocero, sede do Seminário Lombardo para as Missões Estrangeiras (o atual P.I.M.E.). Não obstante a bênção materna e a boa acolhida recebida em Milão, a ideia de partir como missionário permaneceu, todavia, como um sonho, pela decisiva oposição de dom Marzorati. O bispo de Como, que o havia destinado à formação dos futuros sacerdotes, dissuadiu-o de entrar para as missões de São Calocero, nomeando-o logo professor e vice-reitor do seminário de Santo Abôndio.

Professor e reitor do seminário

Ainda que as relações com dom Marzorati se mantivessem sempre cordiais, esse episódio ficou esculpido na memória de Scalabrini, como ele mesmo teria recordado em junho de 1884, justamente em São Calocero, por ocasião da entrega do crucifixo a cinco missionários que partiam: “Circunstâncias imprevistas surgiram, não sei se como punição por meus pecados ou por ocultos desígnios de Deus; e a cruz de madeira de missionário se transformou nesta de ouro que levo ao peito, a qual frequentes vezes me faz romper em lamentos com o meu Senhor, porque quis me dar antes esta do que aquela”. Não obstante tivesse aceitado o desígnio da “divina vontade”, a dor de não ter podido realizar o seu sonho missionário permaneceu viva nele. Sua vocação missionária encontra-se também no discurso dirigido a Santa Francisca

Xavier Cabrini, de partida para os Estados Unidos em março de 1889.

Scalabrini ocupou-se, portanto, da disciplina dos jovens seminaristas, e se dedicou ao ensinamento da história e da língua grega com um método todo próprio. Ele queria que os jovens aprendessem a pensar, e, por esse motivo, não queria que eles se ativessem de forma servil somente aos manuais escolares. Alguns testemunhos dão conta de “um sopro de vida nova”, de um método todo voltado a “suscitar um desejo sempre mais vivo de estudar, de aprender e de saber”. Por seu impulso foi também instituída a academia, ou seja, uma dissertação em língua italiana ou latina sobre um argumento proposto pelo docente, que cada clérigo das três classes do liceu era chamado a desenvolver e apresentar num tempo determinado. Depois de terem sido lidas pelo docente, as elaborações eram julgadas em aula pública. Então, os clérigos que tinham desenvolvido o argumento com maior sabedoria e elegância de língua eram escolhidos para ler publicamente a respectiva composição, e recebiam inclusive um prêmio no final do ano. Esse exercício se repetia três vezes ao ano em presença de todos os clérigos, dos professores do seminário e, quando possível, também do bispo e de outras autoridades eclesiásticas. Tratava-se, claramente, de um modo para estimular o interesse e encorajar uma espécie de emulação, com o objetivo de impulsionar todos a um estudo assíduo e sério.

Encarregado da direção do Seminário de Santo Abôndio durante o ano escolar de 1866-1867, Scalabrini acabou tornando-se oficialmente o reitor em outubro de 1868. Durante seu breve reitorado, numa

carta de 1869 a seu irmão Pedro, definiu “o campo das minhas dores”; entre os seus estudantes estavam José Cattaneo e o amigo Luis Guanella. Diversos testemunhos recordam o “aspecto gentil” e os “modos simples e dignos, bem como a palavra e o trato visivelmente senhoris”. Nas suas vestes de reitor, Scalabrini continuou a levar em conta o melhoramento da educação e da instrução científica e moral dos jovens clérigos confiados aos seus cuidados. De bom coração, mas atento à disciplina, “orientou-se a reordenar os estudos para que, juntamente com a pureza de costumes, florescesse também a integridade do ensinamento”. Essa experiência foi fundamental para o jovem Scalabrini, levando-o, já como bispo, a dar particular atenção à formação dos sacerdotes.

Atento aos progressos “da verdadeira ciência”, ele os desenvolvia em harmonia com a fé e o sentimento religioso “para os fins nobilíssimos, aos quais deveriam ser endereçados”. Ao mesmo tempo, durante as férias de verão, sempre se apresentou para o ministério sacerdotal fora do seminário, e continuou a cultivar a atenção para com os mais necessitados. Um episódio lembrado por todas as biografias oficiais do futuro bispo recorda a assistência que, em 1867, dedicou aos habitantes de Portichetto, subúrbio de Fino Mornasco, onde imperava furiosamente a cólera.

No primeiro período de reitorado, nasceu a amizade com dom Geremia Bonomelli (1831-1914), que ocuparia um espaço primordial na vida dos dois bispos, e que o próprio Bonomelli recordaria, por ocasião do primeiro aniversário da morte do amigo. Eram anos nos quais, após a primeira guerra da independência, continuava forte a disputa entre “intransigentes” e

“transigentes”, o que veremos melhor mais adiante. Um contraste que, junto com a guerra, tinha entrado inclusive nos seminários de Como, dividindo os próprios professores. A maior parte dos docentes era entusiasta da obra e do ensinamento do reitor Scalabrini. Sinceras e profundas eram a admiração, a estima e a amizade recíproca com o padre Serafino Balestra (1831-1886), do qual Scalabrini herdou o amor pelos surdos-mudos e a prática do método “fônico”, criado por padre Serafino e adotado por muitos institutos na Itália, na França e na América do Norte. Teria utilizado tal método mais tarde, durante os anos transcorridos na paróquia de São Bartolomeu, indo com frequência à casa das Irmãs Canossianas, que se ocupavam da educação de algumas surdas-mudas. Boas eram também as relações com o professor Albônico, depois reitor de Tirano. Particularmente hostis, ao invés, foram-lhe monsenhor Constantino Corticelli, assistente do seminário; padre Gemoli, assistente de Cuvio, e monsenhor Giacomo Merizzi, vigário geral de monsenhor Carsana, depois vigário capitular e, em 1891, bispo de Vigévano. Este último chegaria, em 1889, a acusar Scalabrini junto ao Santo Ofício de simpatia pelos “rosminianos” e por teorias “atemporalistas”, definindo-o como “semeador de cizânia”. Com muita probabilidade, tais contrastes foram a origem da passagem de Scalabrini à paróquia de São Bartolomeu.

Pároco de São Bartolomeu

Nomeado prior em 12 de maio de 1870, o sacerdote fez o seu ingresso solene numa igreja apinhada de fiéis em 17 de julho, no terceiro domingo do mês,

data tradicional da celebração da festa de São Luís. São Bartolomeu era, na época, uma populosa paróquia nos subúrbios de Como, que não gozava de boa fama. Não obstante isso, Scalabrini jamais compartilhou essa opinião e, desde o princípio, declarou que se encontrava bem, contente de ter abandonado a direção do seminário, que a essa altura se tornara pesada. Declarava-se, outrossim, grato de poder fazer o bem entre aquelas almas da periferia. Aquele período permaneceria sempre como “uma recordação suave, indelével” na memória do futuro bispo.

Uma das primeiras impressões observadas por Scalabrini, no dia do ingresso na igreja lotada de fiéis, foi a insuficiência do espaço à disposição, junto com a conseqüente ideia de aumentar a estrutura. Essa convicção “se fazia viva cada vez que o espetáculo se repetia”, e o próprio Scalabrini participaria, trinta anos depois, do lançamento da primeira pedra.

Nos anos à frente da paróquia, mostrou-se assíduo ao confessional, atento ao cuidado das crianças e sempre pronto para cada chamado junto ao leito dos doentes, “verdadeiro pai que sofre com quem sofre, chora com quem chora, se faz tudo a todos”.

A descrição do estado social e moral da paróquia nos é contada pelo próprio Scalabrini, no relatório em torno do estado material e moral da paróquia São Bartolomeu nos subúrbios de Como, apresentado ao Ex.^{mo} Rev.^{mo} dom Pedro Carsana, por ocasião da visita pastoral em 29 de julho de 1873. Muitas foram as obras que levou adiante ao longo de seu ministério. Em novembro de 1874, abriu um asilo e fundou o primeiro oratório masculino de Como, sob a proteção de São José, lançando assim as bases de

uma instituição destinada a fazer tanto bem à pobre juventude local. Tratava-se de uma iniciativa com a qual Scalabrini se propunha “instruir religiosamente para educar de forma cristã”, primeiro dever dos sacerdotes e dos pais.

Por instrução religiosa, Scalabrini entendia, em particular, o catecismo, “magistério cristão (que) se deve começar a exercer sobre os filhos desde os seus mais tenros anos, (porque) a semente da fé que espalhareis no terreno ainda virgem da infância dará bem cedo o seu fruto. Então, o sentimento cristão colocará nela profundas raízes e nascerá como árvore robusta”. Com a finalidade de instruir adequadamente os catecistas, publicou em 1875 um precioso dom às crianças, o Pequeno Catecismo, proposto aos jardins da infância pelo sacerdote J. B. Scalabrini, pároco prior de São Bartolomeu em Como.

Junto à atenção pela catequese, Scalabrini cultivou a sensibilidade social, estimulada pela crise que a economia atravessava naqueles anos. A indústria da seda, principal recurso comasco, em particular, vivia uma fase de depressão devida à passagem do período artesanal ao industrial. Juntamente com as dificuldades econômicas, observavam-se os primeiros sinais do enfraquecimento do sentido religioso e da prática cristã. Tudo isso era mais evidente na paróquia de São Bartolomeu, composta em grande parte por trabalhadores do setor, com o risco de voltar o olhar ao socialismo. Entretanto, não obstante a presença de “muitos indivíduos indiferentes”, livres pensadores, que, todavia, eram ainda “individualidades isoladas”, em geral, como de resto em toda região comasca, a religião permanecia viva na grande

maioria do povo. Também nesse campo, o pároco Scalabrini jamais ficou de braços cruzados, cuidando de seus paroquianos, seja procurando-lhes trabalho a domicílio, seja celebrando sempre, bem cedo, a missa às operárias, antes que elas fossem ao trabalho. Nos anos seguintes, o interesse pelas questões sociais o levou a insistir com industriais e políticos sobre a necessidade de assistir os camponeses que haviam escolhido emigrar, no sentido de esforçar-se para que isso não ocorresse.

Em tal ambiente, deve-se igualmente enquadrar outro aspecto da atividade pastoral do pároco Scalabrini: o estudo sobre os documentos do Concílio Vaticano I, recentemente concluído por causa de notórios eventos políticos. Em 1872, de modo especial, Scalabrini fez uma série de onze conferências sobre o Concílio Vaticano I na Catedral de Como, que foram prontamente impressas. A proclamação do dogma da infalibilidade pontifícia, ocorrida dois anos antes, foi acolhida com aberta hostilidade pelas regiões católicas setentrionais, que estavam em contato mais imediato com o mundo alemão, onde se produziu o cisma dos velhos católicos, cujo eco chegou também à vizinha Como, frequentemente através das exagerações e distorções da imprensa. Nesse clima, no qual estava ainda vivo o contraste entre as duas correntes do clero, Scalabrini propôs-se esclarecer a questão, não só em termos de definição, mas também das polêmicas ainda vivas a respeito da oportunidade da definição em si, reiterando as ideias em torno das verdades essenciais e princípios da fé católica. Entrementes, o seu intento era rebater aquele jornalismo “arrogante

e desenfreado”, “a perfídia de certos apóstatas”, quanto àquilo que considerava ser a “incrível superficialidade de certos católicos, fracos e despidos de convicções robustas”. Dura foi a tomada de posição de Scalabrini contra aqueles que retinham inoportuna a definição do dogma sobre a infalibilidade pontifícia; ao mesmo tempo, reconheceu o mérito daqueles que haviam agido de boa-fé e, depois de julho de 1870, promulgaram os decretos conciliares nas suas dioceses. Constata-se, assim, uma daquelas que haviam sido definidas como diretivas constantes da ação pastoral e do comportamento ideológico de Scalabrini, ou seja, fé e obediência quanto ao magistério do papa, mas também liberdade de opinião, antes da tomada de decisão.

Portanto, nas conferências sobre o Concílio Vaticano I estão já presentes, mesmo se não desenvolvidas como mais tarde, as concepções eclesiológicas de Scalabrini, que, em toda a sua ação episcopal, terão como suma aspiração e preocupação a unidade da Igreja. A publicação de seus discursos foi enviada ao papa Pio IX, que louvou o zelo demonstrado por Scalabrini em empreender semelhante trabalho, e ficou convencido de seu “seguro endereço romano”. O volume foi julgado positivamente também pelo amigo Bonomelli e, entre outros, por Dom Bosco, naquele momento figura-chave de mediação entre o novo Estado italiano e a Santa Sé, o qual viu a importância de uma segunda edição e recomendou vivamente Scalabrini ao papa.

O prior de São Bartolomeu exerceu o ministério paroquial por outros três anos, para um total de apenas cinco anos e meio, ao término dos quais

recorda as manifestações de amor, verdadeiramente extraordinárias, que lhe foram oferecidas pelos seus fiéis no momento da saída, para se dirigir à diocese de Piacenza. A experiência em São Bartolomeu foi para ele rica de conhecimentos e de intuições pastorais, que com frequência recordaria durante o episcopado, tentando dar aos sacerdotes e ao povo de sua diocese a resposta concreta às exigências que tinha percebido, no cuidado pastoral da população de São Bartolomeu.